

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE
na
Rua do Hospício 85

Preço da assignatura por mez

Para a Côrte 1\$000
Para as Províncias... 1\$500

AS ASSIGNATURAS
começam
no 1.º de cada mez

A BASTARDA

SEGUNDA PARTE

JOANNA E MAGDALENA

X

(Continuação.)

Luciano tornou a descer, antes carregando do que amparando Magdalena.

— Senhor, disse elle, peço-lhe o favor de deixarmos entrar no castello...

— Não se entra! respondeu-lhe francamente o sargento.

— Posso ao menos saber porque?

— E' ordem do promotor publico.

— Mas... que significa essa ordem?

— Pergunte a quem a deu...

— O senhor está me fallando em um tom!...

— Fallo no tom que me apraz!... Afaste-se!...

Não se luta contra essa força inerte, escrava da disciplina, que se chama praça de policia.

Luciano e Magdalena aproximaram-se do grupo dos famulos, de que fallámos acima.

Esperavam que elles dessem alguma informação ácerca daquelle estranho e incomprehensivel acontecimento.

Os criados choravam, porém não sabiam de cousa nenhuma, — senão que o promotor publico, dous senhores vestidos de preto e dous soldados de policia se achavam, naquelle momento, junto do conde de Vezay, e que ninguem podia entrar no castello.

Magdalena estava exhausta de forças.

Soltou um suspiro profundo, e teria cahido de costas, se Luciano não a tivesse amparado nos braços.

O moço, desesperado, levou-a para a beira do parque, e estendeu-a em um banco de relva.

A situação do Sr. de Villedieu excedia naquelle momento todos os limites do horror e da inverosimilhança.

A estranha catastrophe a que o castello servia de

theatro confirmava terrivelmente as palavras de Joanna Caillouet.

A si proprio perguntava Luciano:

— Casar-me-hia realmente com minha irmã? —

Minha mulher será filha do assassino de meu pai?

E nenhuma resposta tranquillizadora se lhe apresentava ao espirito.

XL

O PROMOTOR PUBLICO.

Ao tempo em que se passava no parque, entre Luciano, Magdalena e Joanna, a scena a que os leitores acabam de assistir, eis o que occorria no castello.

A carruagem de posta do promotor publico, escoltada por um piquete de policiaes, parára em frente á escada exterior, com grande pasmo dos criados, que no entanto não suspeitavam que sobre seu amo pudesse pairar uma accusação qualquer.

Tres pessoas se apearam do carro.

Eram o promotor publico, um juiz de instrucção e o escrivão deste ultimo.

O principal magistrado, homem de trinta e oito a quarenta annos de idade, bem educado, e muito protegido pelo Sr. chancellor, com uma de cujas sobrinhas se casára, chamava-se o Sr. Pesselières.

Não lhe faltava nem espirito, nem instrucção, e sabia principalmente ser delicado.

Por isso, em presença de uma accusação tão grave, que desabava inopinadamente sobre um homem consideravel e considerado como o conde de Vezay, entendera elle de seu dever substituir pela sua presença o mandado de prisão.

A si proprio promettia, ao mesmo tempo, usar de toda a contemplação compativel com a restricta execução de seus deveres.

O juiz de instrucção assemelhava-se ao geral de seus collegas.

Era um homem em quem o ardil e a finura obscureciam ás vezes o bom-senso e a equidade. Não se podia, na opinião delle, chegar ao conhecimento da verdade senão por vias tortuosas.

Muitas vezes a sua pretendida perspicacia levava-o directinho ao absurdo; então tornava-se teimoso, e substituiu violentamente os seus sophismas á luminosa evidencia.

Os senhores do fóro criminal consideravam-n'o como um oraculo:

Não pretendemos applicar a todos os magistrados instructores de processo o retrato que acabamos de traçar, — parece-nos superfluo affirmar-o.

As excepções, porém, confirmam as regras.

Quanto ao escrivão, nada temos que dizer, senão que pertencia elle á categoria das machinas de escrever, porém não de pensar.

No ultimo degrão da escada o promotor encontrou o criado particular do conde,

— O Sr. de Vezay está no castello? perguntou elle a esse criado.

— Está, sim, senhor.

— Conduza-me á sua presença, faça favor.

— O Sr. conde está doente; vou informar-me se elle póde receber...

— E' *necessario* que nos receba, replicou o magistrado, apoiando na palavra que acabamos de sublinhar; conduza-nos immediatamente.

O criado, cujo espanto começava a transformar-se em inquietação, obedeceu passivamente e caminhou adiante.

Sem duvida tinham sido dadas ordens ao sargento com antecedencia, pois que, apenas os tres homens vestidos de preto desapareceram no vestibulo, distribuiu elle a sua gente, occupando todas as sahidas, e cada soldado recebeu ordem para não deixar sahir nem entrar pessoa alguma.

Tendo subido os degrãos da escada de honra e atravessado a antecamara e o salão, o criado, chegando á porta da saleta onde estava o conde, voltou-se para os visitantes a quem servia de guia, e perguntou:

— A quem devo annunciar?

— Annuncie o promotor publico, respondeu o Sr. de Pesselières.

Deixámos o conde de Vezay, alguns dias antes, soffrendo de um violento accesso de gotta e com a perna direita estendida em cima de uma pilha de almofadas.

Subita melhora se havia manifestado no dia seguinte áquelle em que Nicasio entregára a Luciano de Villedieu a carta de Joanna.

O visconde, assustado com aquella carta, cujo verdadeiro e terrivel sentido, entretanto, não percebia, e receiando algum louco passo por parte da moça por quem sabia que era amado, pedira ao Sr. de Vezay que consentisse em apressar o momento marcado para se effectuar o casamento.

O conde cedêra, — embora um tanto contrariado — ao insistente pedido de seu futuro genro, e, logo no dia seguinte, Luciano e Magdalena receberam a benção nupcial na capella do castello, sem a menor solemnidade e em presença unicamente das testemunhas necessarias.

Uma hora antes, o maire da aldeia tinha ido preencher as formalidades do casamento civil.

O Sr. de Vezay, comquanto doente ainda, tinha podido, apoiando-se no braço de seu criado particular,

ir á capella e assistir á cerimonia que tornava Magdalena viscondessa de Villedieu.

Desde então as suas melhoras tinham progredido, e, á hora em que o tornamos a encontrar na saleta, podia elle passeiar a passo lento e sem o soccorro de braço algum.

Passava-se isto a 17 de Setembro de 1840.

O conde estava triste; dolorosos e lugubres presentimentos enchiam-lhe a alma.

Todos os annos essa disposição para a tristeza se reproduzia ao aproximar-se a data de 20 de Setembro, esse lugubre anniversario de uma noite fatal.

A si proprio não podia o conde perdoar-se ter outr'ora satisfeito uma justissima vingança, e, embora o seu duello com Armando de Villedieu se houvesse passado mui lealmente, parecia-lhe queo sangue derramado havia vinte annos clamava ainda contra elle, e os remorsos tinham-lhe feito uma velhice prematura.

Com certeza, se, sacrificando os ultimos annos de sua existencia, podesse restituir a vida a Armando de Villedieu, o conde não houvera hesitado!...

Era em tudo isto que o Sr. de Vezay estava pensando, calcando a passo incerto e difficiloso o tapete da saleta.

.....

A porta abriu-se.

O criado annunciou:

— O Sr. promotor publico.

Ao mesmo tempo, o magistrado e seus dous companheiros entraram.

As palavras: *O Sr. promotor publico...* atiradas inopinadamente em meio da lugubre meditação do velho, fizeram-n'o estremecer, como se o tocasse o fio conductor de uma machina electrica.

Legitimista em extremo, e vivendo fóra de tudo quanto tocava ao governo de 1830, o Sr. de Vezay já-mais visitára o promotor, bem como nunca o havia recebido em sua casa.

— Por que motivo vem elle? perguntou immediatamente a si proprio.

E rapida intuição lhe fez comprehender logo que aquella imprevisita chegada occultava uma desgraça qualquer.

Em presença daquelle ancião de cabellos brancos, — cuja cabeça elle ia talvez pedir em nome da lei, — em presença daquelle homem que a consideração e a estima de todos haviam até então rodeado, o promotor publico esqueceu momentaneamente que vinha como accusador, e inclinou-se com involuntario respeito.

O juiz de instrucção, vendo que o seu superior comprirentára, saudou tambem, embora contrariado.

O Sr. de Vezay dominou a sua perturbação, deu alguns passos para a frente, e com a sua polidez de fidalgo indicou assentos aos tres recém-chegados.

Em seguida, sentou-se tambem.

Até então, não se havia pronunciado nem uma palavra.

O conde foi o primeiro a romper o silencio.

— A qué devo attribuir a honra da presença do Sr. promotor publico em minha casa?... perguntou com voz bastante firme, embora o seu sangue se gelasse á idéa da resposta que ia talvez receber.

— A causa da minha presença aqui, Sr. conde, respondeu lentamente o magistrado, é das mais tristes...

— Ouso esperar, tornou o Sr. de Vezay após ligeira pausa, que nenhuma accusação o conduz, e que o senhor não vem em busca de um criminoso sob o meu tecto...

— Infelizmente, Sr. conde, a accusação existe... e, quanto ao culpado... quanto áquelle, que, pelo menos, até o presente assim se deve designar... desejo e espero... oh! espero de toda a minha alma, encontral-o innocente...

E o magistrado calou-se.

O Sr. de Vezay teve apenas forças para perguntar:

— E esse culpado quem é?...

O promotor não respondeu.

O juiz de instrução não ousava fallar; mas, desde que se sentára naquella saleta, sentia um accesso de legitima impaciencia em presença da inexplicavel lentidão de seu superior.

Teria sem hesitar feito algum sacrificio para vêr incontinenti um bom par de solidas e pesadas algemas nos pulsos do conde de Vezay.

— Quando o processo me chegar ás mãos, dizia comsigo mesmo, creio que as cousas caminharão diversamente...

A anciedade se tornava mais intoleravel para o Sr. de Vezay do que uma certeza, por mais esmagadora que fôsse.

— Espero, senhor, tornou elle, que me queira dizer o nome daquella a quem accusam...

— Sr. conde, disse o promotor sem dar uma resposta positiva áquella interrogação formulada pela segunda vez, — lance, eu lhe peço, os olhos para o passado, interrogue as suas remotas reminiscencias, — tenho que lhe fazer varias perguntas...

— Então, é de mim que se trata, senhor?

— E', Sr. conde, é da sua pessoa.

— Interrogue; terei a honra de responder-lhe.

— Que idade tem, Sr. conde?

— Sessenta annos... vou fazel-os daqui a dias.

— Nesse caso, em 1820, o senhor tinha quarenta...

Aquella data, 1820, fez o Sr. de Vezay estremecer de modo tão visivel que o menos attento olhar devia perceber-lhe o abalo.

O promotor julgou descobrir naquillo um indicio de culpabilidade, e affligiu-se sinceramente.

O juiz de instrução sorriu-se e esfregou mansamente as mãos.

— E' a 1820 que devo remontar as minhas reminiscencias? perguntou o conde fazendo violento esforço para se dominar.

— E', Sr. conde.

— Tenho presente á memoria o anno todo de 1820...

— Está certo disso, Sr. conde?

— Sim, senhor.

— Nesse caso, lembra-se sem duvida da noite de 20 de setembro?

Uma nuvem passou pelos olhos do Sr. de Vezay.

— Oh! se eu pudesse morrer!... pensou elle.

XII

O INTERROGATORIO.

— Serene o seu espirito, Sr. conde, disse o promotor, a quem não escapava o abatimento do velho.

— Oh! respondeu este ultimo, estou calmo, inteiramente calmo...

— Voltemos então á pergunta que eu lhe fazia: Lembra-se da noite de 20 de setembro de 1820?

— Perfeitamente, senhor.

— Essa noite, de ha vinte annos, fixou-se na sua memoria por alguma particularidade digna de nota?

— Sim, senhor.

— Qual foi ella?

— Ha tres particularidades, e dessas tres duas são bem tristes: primeiro que tudo, tive a infelicidade de perder minha mulher; depois, uma tempestade, como até então não havia lembrança de outra igual, desencadeou-se sobre esta região... e finalmente, nessa noite fatal uma pessoa de minha intima amizade pereceu victima do mais deploravel accidente...

— Diga o nome dessa pessoa, Sr. conde, faça o favor...

Os labios do Sr. de Vezay tornaram-se pallidos e tremulos.

No entanto elle respondeu sem hesitar:

— O visconde Armando de Villedieu.

— Como foi então que elle morreu?

— Arrastado pelo seu cavallo nas fundas aguas do Loire... seu criado e seus dous cavallos foram engolidos pela voragem na mesma occasião...

— Terrivel catastrophe, com effeito!... Sabe-se donde vinha o Sr. de Villedieu a essa hora da noite?

— Não, senhor; ao menos, eu nunca o soube...

— O corpo d'elle foi encontrado?

— Não, senhor.

— E o do criado?

— Esse foi, no dia seguinte.

— O visconde de Villedieu, dizia o senhor ha pouco, era seu amigo intimo?...

— O melhor, talvez, dos meus amigos; — antehontem, o seu filho unico se casou com minha unica filha.

O promotor fez um gesto de supremo espanto.

— O senhor casou sua filha com o filho unico do visconde de Villedieu! exclamou elle.

— Sim, senhor... Que ha nisso de admirar?...

O promotor não respondeu.

Profunda e penosa preocupação parecia dominal-o.

Afinal fez elle um gesto brusco, como quem toma uma decisão, e disse:

— Sr. conde, tem coragem?...

— Se tenho coragem?... penso que sim... Mas porque necessitaria tel-a hoje mais que de costume?...

— Porque vou pronunciar palavras que o ferirão dolorosamente, na parte mais sensível de sua alma e de sua honra...

— A minha honra nada tem que temer, senhor!

— Ardentemente o desejo, creia...

— Eu ouço, e estou preparado para tudo.

— Uma accusação claramente formulada e apoiada, se não em provas irrecusaveis, ao menos em presumpções graves, chegou ás minhas mãos...

— Uma accusação contra mim, senhor?

— Contra o senhor, sim.

— Falle.

— Dizem que na noite de 20 de setembro de 1820, o visconde de Villedieu não morreu accidentalmente, no Loire.

— Ah!

— Dizem que succumbiu a uma morte violenta...

— Um duello talvez?... balbuciou o Sr. de Vezay...

— Não se falla em duello, Sr. conde.

— Em que se falla então?

— Em assassinato?...

O Sr. de Vezay ergueu-se com um movimento brusco, pondo as mãos e estendendo-as ao céu com um gesto de desespero.

— Em assassinato!... exclamou com voz estridente; falla-se em assassinato? accusam-me de haver assassinado o Sr. de Villedieu?

— Sim, senhor conde...

— E quem ousa formular essa infame accusação?...

— Que importa o nome do accusador, desde que ao senhor seja possível provar que elle mentiu?...

— Provar!... mas provar como?... porventura se prova a innocencia quando o pretendido crime ascende a vinte annos?...

— Já lhe disse, Sr. conde, que os factos que me foram denunciados repousam em graves presumpções... O senhor discutirá essas presumpções daqui a pouco, quando houver dominado a sua exaltação e recuperado algum sangue-frio.

O conde, sempre de pé, e mais semelhante a um defunto do que a um vivo, respondeu logo:

— Um momento de indignação muito natural deve, penso eu, ser-me perdoado... Sobra-me a necessaria calma para responder... Não percamos um momento, peço-lhe, abreviemos, tanto quanto do senhor depender, este horrivel supplicio...

— Seja, Sr. conde.— Repelle então a accusação de assassinato?

— Com horror!

— Acredita, como todos, que o Sr. de Villedieu pereceu por accidente?

— Sim, senhor.

— Ignora o que foi feito de seu cadaver?

— Absolutamente.

— E' verdade isso, Sr. conde?

— E' verdade, juro-o!

O promotor publico calou-se de novo, e de novo pareceu reflectir.

Sem duvida, preparava o que, em falta de mais

adequada expressão, chamaremos o *scenario* de seu interrogatorio.

Quando ergueu a cabeça e tomou novamente a palavra, a sua primeira pergunta foi esta:

— Disse-me, creio eu, que havia perdido a Sra. de Vezay na noite de 20 de setembro de 1820, não é exacto?

— Sim, senhor.

— A que molestia succumbiu ella?

— A condessa morreu duas horas depois de haver dado á luz Magdalena, minha unica filha...

— Que idade tinha a Sra. de Vezay?

— Vinte e seis annos.

— Era formosa?

— Como um anjo.

— Por quem foi ella assistida em seus ultimos momentos?

— Pelo seu confessor, o cura desta parochia, e por seu medico, o Sr. Dr. Miraut, de Tours...

— O cura vive ainda?

— Ainda, e, comquanto tenha perto de oitenta e cinco annos, continúa a ser nosso parcho...

— E o medico?

— O Dr. Miraut está muito forte ainda; vem aqui todas as semanas; ha cinco dias que cá esteve...

— Desculpe-me, Sr. conde, entrar em tristes particularidades que lhe trazem dolorosamente á lembrança um fim pungente e prematuro... Faço o meu dever, e não o que desejo.— Onde foi enterrada a Sra. condessa?

— No cemiterio da aldeia.

— Então não tem o senhor neste castello, conforme o costume das casas nobres, uma capella, e um subterraneo funerario?

— Ha no castello uma capella e subterraneos funerarios.

— Os seus antepassados descansam ahi?

— Sim, senhor.

— Abriu-se então uma excepção para a senhora condessa?

— Abriu-se.

— Porque?

— Porque a sua ultima vontade foi repousar sob a relva...

— Essa vontade foi consignada em seu testamento?

— Não, senhor.

— A quem foi então que ella a declarou?

— A mim.

— Só ao senhor?

— Só.

— E ninguem mais alem do senhor ouviu essas palavras?

— Creio que não.

— Nem o medico, nem o sacerdote?

— Ninguem.

Pela terceira vez o promotor calou-se.

(Continúa no proximo numero.)

EXPEDIENTE

Agradecendo aos Illms. Srs. assignantes que têm satisfeito as importancias de suas assignaturas, rogamos áquelles que ainda o não fizeram o obsequio de as mandar entregar ao escriptorio do *Folhetim*, rua do Hospicio n. 85.

Em tempo tambem avisamos ás pessoas que quizerem continuar a receber o *Folhetim* que a remessa da folha sera suspensa, desde que a assignatura não seja reformada com precedencia.

OS EDITORES.